

Índice

I. FRANZ KAFKA — UMA BIOGRAFIA

1. Antepassados e Infância	15
2. A Universidade	46
3. Lutas pela Profissão e Vocação	79
4. Aparecimento de <i>Meditação</i>	98
5. Os Anos de Noivado	132
6. Evolução Religiosa	161
7. Os Últimos Anos	185
8. Apêndices. Novos Traços da Figura de Kafka	201
Para o <i>Curriculum Vitae</i> de Kafka	231
<i>Curriculum Vitae</i>	232
Nota à Segunda Edição Alemã	233
Nota à Terceira Edição Alemã	234

II. A FÉ E A DOCTRINA DE FRANZ KAFKA

Introdução	237
------------	-----

I · Nenhum sistema em Kafka, mas uma clarificação crescente das suas ideias nos últimos tempos de vida do escritor. Kafka e Tolstoi · Significado mundial da doutrina de Kafka · Lacunas inevitáveis da interpretação sistemática · A vida exemplar de Kafka · Modéstia · Intensidade do trabalho · Uma imagem de Voltaire · «Trabalho atamancado» · A ânsia da perfeição · O <i>gueuloir</i> de Flaubert	241
---	-----

II · A frase central da doutrina de Kafka: a tese do «indestrutível» · Só existe o objetivo; o caminho é uma desculpa · No entanto, a luta pelo caminho certo · Perspetiva da comunidade, «a união incomparavelmente indivisível que existe entre os seres humanos»	250
III · Kafka não é escravo do individualismo nem do coletivo · Encontra-se no ponto em que o carácter aparente desta oposição se torna evidente · O «celibato» como símbolo de todos os «vícios burocráticos» negativos — <i>Une confluence du Judaïsme et du Christianisme</i> , rejeição deste ponto de vista de Klossowski · Refutar a morte · A garra da causalidade · O «salto para fora da fila dos assassinos» · O Messias	256
IV · Encontro com a comunidade · Judaísmo ocidental e judaísmo oriental em Kafka · Interpretação da frase «Não há esperança para nós» · O pai · Em oposição ao pai, ligação mais forte com a comunidade judaica · Tolstoi e o povo russo · Paralelos em Kafka (e o distintivo) · Josefina, a cantora · O povo dos ratos · <i>A Metamorfose</i> e a personagem de Raban · Não te separe da comunidade · <i>O Processo</i> · A culpa efetiva de Josef K. · A sensação de culpa crescente nos três romances · Um comentador afirma que este sentimento de culpa de Josef K. é uma mera fantasia neurótica · Oposição ao efeito moralizador dos escritos de Kafka	261
V · Monoteísmo na sua forma mais pura · O motivo do tribunal em Kafka e Ibsen · O rigorismo ético de Kafka · Uma história	273
VI · (<i>Intermezzo</i>) Alguns comentadores de Kafka	276
VII · Kafka como representante de uma renovação religiosa judaica · Conceção cristã deste facto · Referência a Aldous Huxley · Ceticismo de Kafka em relação a todas as teorias · Kafka integra-se na comunidade · Documentos que comprovam esta afirmação · A posição positiva de Kafka para com o sionismo · A sua rejeição da assimilação germano-judaica, também na literatura · Neste aspeto, a sua posição é mais radical do que a minha · A sua posição relativamente a Karl Kraus	280

VIII · Posição relativamente aos valores da vida e à negação cristã desses valores · Sobre o ascetismo · O belo · Plotino · Alegoria geométrica dos raios · A «tristeza» de Kafka · Casamento e comunidade · Novalis sobre o casamento · Diferença, fina como um cabelo, entre a postura de Kafka e a negação do mundo dos sentidos · Para si mesmo, Kafka faz um prognóstico desfavorável · No entanto, referência positiva a todos os benefícios do desenvolvimento humano · Cabala e sionismo · «Há em mim qualquer coisa de perigoso» · Episódios curiosos · A palavra do amor · Planos socialistas · As chamadas pessoas comuns	298
--	-----

III. DESESPERO E REDENÇÃO NA OBRA DE FRANZ KAFKA

A Fé e o Desespero	323
Qual a Posição de Um Autor e para onde Tende Ele?	330
A Evolução Religiosa de Kafka nos Seus Três Romances	347
Aspetos Pessoais	361
Epílogo	373

IV. APÊNDICE A I. FRANZ KAFKA — UMA BIOGRAFIA

I. Franz Kafka, Os Aviões em Bréscia	385
II. Rudolf Fuchs, Recordações de Franz Kafka	393
III. Dora Geritt, Breves Recordações de Franz Kafka	396
IV. Max Brod, Uma Observação para <i>O Castelo</i> de Kafka	398
V. Max Brod, Assassínio de Uma Boneca de Nome Franz Kafka	402

Tábua Cronológica da Vida e Obra de Franz Kafka	417
---	-----

V. APÊNDICE DE IMAGENS	421
------------------------	-----

I

Franz Kafka Uma Biografia*

* Esta secção baseia-se no seguinte texto: Max Brod, *Franz Kafka. Eine Biographie*, 5.^a ed., Frankfurt am Main/Hamburgo, Fischer Bücherei, 1963. Texto revisto pelo autor (6.^a ed.).

Não desesperes, nem sequer por não desesperares. Quando já tudo parece ter chegado ao fim, novas forças avançam, o que significa que estás vivo.

Ainda consigo sentir um contentamento ocasional com trabalhos como «Um Médico de Aldeia» [...], mas só sinto felicidade quando consigo elevar o mundo à pureza, à verdade, à imutabilidade.

Grande chuvada. Oferece-te à chuva, deixa-te atravessar pelas fortes bâtegas, desliza na água que te quer arrastar, mas mantém-te e espera assim, de pé, o Sol que há de brilhar com os seus raios infndos.

Dos Diários de Kafka

Antepassados e Infância

Franz Kafka, filho de Hermann e Julie Kafka, nasceu em Praga, a 3 de julho de 1883. O apelido Kafka é de origem checa e significa «gralha».

Nos sobrescritos comerciais da firma Hermann Kafka, em que Franz me mandava frequentemente as suas cartas, figura como emblema aquela conhecida ave, de cabeça grosseira e cauda farta. Kafka é nome frequente entre os judeus oriundos de regiões checas e apareceu quando o imperador José II ordenou que todos os judeus passassem a usufruir do direito de registar os seus nomes de origem familiar. O nome, no entanto, não reflete quaisquer tendências políticas ou até nacionalistas, embora constasse que o pai de Franz tivesse simpatizado de maneira um tanto vaga com os partidos checos que combateram na velha Áustria, para o que devem ter contribuído as recordações da sua terra natal. Franz frequentou apenas escolas alemãs, foi educado à alemã e só mais tarde, por sua própria iniciativa, veio a adquirir o domínio perfeito da língua checa, assimilando profundamente a cultura do seu país de origem sem todavia deixar de se interessar pela cultura alemã. (Mais adiante veremos a importância que a influência judaica exerceu na sua formação e da qual só posteriormente se aperceberia.)

Um seu primo em segundo grau desempenhou um papel importante no partido alemão liberal, primeiro como estudante e, depois, como professor universitário e deputado do Parlamento checo. Exteriormente era parecido com Franz, mas um pouco mais forte e robusto.

Franz admirava-o muito por causa da sua energia e capacidade de organização. O professor Bruno Kafka, tal era o seu nome, apesar da sua mor-

te prematura viveu uma existência fértil: foi editor do legado científico de Krasnopolski, colaborou em diversos estudos legislativos, tendo sido responsável por alguns, assinou valiosos trabalhos jurídicos e notabilizou-se como político e crítico. Os pais de Franz e Bruno eram primos.

Sobre os seus antepassados, escreveu Kafka nos seus *Diários*:

O meu nome hebraico é Amschel, tal como o avô materno de minha mãe, que morreu quando esta contava seis anos. Minha mãe recorda-se dele como um homem sábio, impregnado de uma grande devoção e usando uma longa barba branca. Recorda-se de ter sido obrigada a agarrar os dedos dos pés do defunto e a pedir perdão pelas possíveis faltas cometidas contra ele. Recorda-se, também, dos seus numerosos livros, que cobriam as paredes. Todos os dias tomava banho no rio, cujas águas geladas, no inverno, era obrigado a quebrar. A mãe de minha mãe faleceu com tifo, também cedo. A partir dessa data, a minha bisavó tornou-se melancólica: receava a comida e não falava a ninguém. Uma vez, decorrido um ano sobre a morte da filha, saiu e nunca mais voltou. Dias depois, o seu corpo era retirado do Elba.

Um homem ainda mais sábio do que o avô era o bisavô de minha mãe, tão respeitado por cristãos como por judeus. Tão crente que um dia lhe aconteceu um milagre: um incêndio destruiu todas as casas em redor da sua, deixando esta intacta.

Tinha quatro filhos, um dos quais se converteu ao cristianismo e se formou em Medicina. Toda a minha família, com exceção do avô de minha mãe, morreu cedo. Esse meu bisavô teve um filho, a quem minha mãe pôs a alcunha de «o doido tio Nathan», e uma filha, que foi a mãe de minha mãe.

Recebi mais informações da mãe de Franz, com quem falava frequentemente, até ela morrer em 1934 (sobreviveu ao filho cerca de dez anos). Era uma senhora calma, bondosa, extremamente inteligente e muito culta. Segundo ela afirmava, a família Kafka é oriunda, pelo lado do pai, de Wossek, perto de Strakonice (Sul da Boémia). O pai de Hermann Kafka era carneiro. A juventude de Hermann foi dura e laboriosa. A sua capacidade de trabalho e a sua tenacidade eram notáveis. Na opinião da Sr.^a Julie Kafka, mãe de Franz, também os seus irmãos (três irmãos e duas irmãs) eram «gigantes». Franz viveu toda a sua vida

à sombra do pai, tão poderoso no seu aspeto imponente como forte nos negócios. Era muito alto, de ombros largos, e deixou no fim da sua existência — cheia de trabalho e de grandes sucessos comerciais, mas também marcada por preocupações e doenças — não só uma família numerosa (nutria um orgulho patriárquico pelos filhos e netos), como ainda um prédio de muitos andares no centro de Praga, que adquirira depois de ter vendido a sua loja de vendas por junto que ainda hoje* existe no Altstädter Ring. Na imaginação e nas obras de Franz nota-se sempre a influência exercida, sobre a sua infância, pelas dificuldades inerentes ao sustento de uma família numerosa, a que o esforço, os sacrifícios e fadigas do pai tiveram de providenciar. Tinha pelo pai, neste capítulo, uma grande admiração, e havia mesmo nela alguma coisa de heroico: a um observador neutro, que não estivesse encantado pela magia do lar, como eu o estava, podia parecer que além de louvável era também exagerada. Para a educação sentimental de Franz, essa admiração era fundamental. Que não são fictícios esses seus sentimentos, mostra-nos uma passagem do diário, que eu cito, por nos dar uma ideia exata da juventude do pai.

Franz escreve:

É desagradável escutar da boca do pai o que ele tinha de sofrer na sua mocidade, em comparação com a situação feliz dos seus contemporâneos e sobretudo com a dos seus filhos. Ninguém nega que, durante anos, teve feridas abertas nas pernas, por lhe terem faltado roupas em invernos sucessivos; que frequentemente passou fome; que foi obrigado, ainda com dez anos, a atravessar as aldeias empurrando um carro de mão, arrostando o frio das madrugadas de inverno. Todavia, estes factos verdadeiros, comparados com o facto igualmente verdadeiro de eu não ter sofrido nada disso, não são suficientes para o pai poder concluir que eu fui mais feliz do que ele, para se orgulhar de ter tido chagas nas pernas, para afirmar que não sei honrar aqueles seus padecimentos e, ainda, para pretender que eu lhe fique eternamente grato por esse sofrimento. E é isto que não quer compreender. Quanto eu gostava de o ouvir contar incessantemente a sua mocidade e a de seus pais, mas não naquele tom de bazófia e de desafio. Uma vez por outra, bate com as palmas das mãos

* Por «hoje», entenda-se 1937. Durante a leitura desta nova edição, o leitor poderá conceber correções pertinentes de natureza simples, que não são aqui assinaladas.

e grita: «Quem percebe isto hoje!? Que é que sabem as crianças!? Hoje ninguém passa por estas coisas. Há atualmente alguma criança que possa compreender isto?» Hoje, foi novamente esta a conversa travada com a tia Julie, que nos veio visitar. Ela também tem um rosto enorme, como todos os membros da família do pai. Os olhos desagradam por assimetria na posição ou na cor. Aos dez anos, foi contratada como cozinheira. Nessa altura tinha de sair amiúde, para o frio, que lhe gelava a saia molhada e lhe rebentava a pele. Só à noite, na cama, secava a saia.

Agora seguirei, de novo, as informações da mãe de Franz. A avó paterna, da família Platovsky, fora descrita como dotada de grande bondade e como sendo muito respeitada entre os aldeões devido aos seus conhecimentos de medicina. Além disso, parecem transmitir-se por toda a linha ascendente paterna a robustez física e as qualidades de luta que forjaram as suas vitórias na vida. Hermann foi soldado durante três anos e, avançado em anos, gostava ainda de falar desses seus tempos e de entoar canções militares, quando estava bem-disposto — o que aliás acontecia cada vez menos. O seu pai, isto é, o avô de Franz, conseguia levantar do chão, com os dentes, uma saca de farinha. Quando, uma vez, um grupo de ciganos indesejáveis entrou numa estalagem isolada, o estalajadeiro, receoso, mandou chamar o avô de Kafka, que facilmente afugentou com uma valente sova os hóspedes inoportunos.

Tudo é diferente se nos reportarmos aos antepassados da mãe de Franz. Entre estes, há sábios, homens sonhadores, inclinados para o exotismo, para a aventura, para o capricho e para a solidão.

A passagem mencionada no diário de Franz refere-se à piedade e à fama de sábio de que gozavam o avô e o bisavô da mãe. Também os banhos no rio gelado devem ser tomados como ações rituais de uma pessoa fundamentalmente religiosa e não no sentido naturalista, que naquela época ainda não existia ou não era, pelo menos, conhecido entre os judeus. Os homens mencionados pertenciam à família Porias e viviam em Poděbrad.

O avô trazia sempre as franjas* que a sua religião impunha fora das roupas e não sob elas. Por causa disso, as crianças corriam atrás dele,

* Faixas usadas pelos judeus nas suas orações, em que estão escritas passagens de livros religiosos. (N. T.)

fazendo troça. Na escola (cristã), porém, eram admoestadas e ensinadas a não escarnecer de um homem tão piedoso. A única filha do avô, que morreu muito cedo e que terá levado, provavelmente, a avó ao suicídio, chamava-se Esther Porias e era casada com Jakob Löwy. Deste casamento nasceram seis filhos, o segundo dos quais, uma rapariga de nome Julie Löwy, veio a ser a mãe de Franz Kafka. O irmão mais velho (Alfred) emigrou, ainda jovem, para o estrangeiro e chegou a diretor-geral dos Caminhos de Ferro espanhóis, onde obteve numerosas condecorações. Morreu solteiro. Visitou Praga várias vezes e exerceu influência sobre a mocidade de Franz, provavelmente por esperar que o tio o introduzisse na vida prática. Franz ansiava por conhecer terras longínquas, aspiração que lhe era sugerida pelo exemplo da carreira de um outro irmão da mãe, Josef, que dirigia uma companhia colonial no Congo e equipara caravanas que, às vezes, contavam cento e cinquenta membros. Mais tarde viveu em Paris, onde casou com uma francesa. O que aqui pertencia à vida real transformou-se, nas suas obras, na poesia com que descreveu as terras exóticas, as quais constituíam o cenário em que decorria a ação dos seus trabalhos. Embora o tio Alfred, de Madrid, fosse tido como reservado, também era afetuoso e dava grande importância à família. (Conheci-o, sem todavia ter conseguido formar uma opinião a seu respeito.) O desapontamento em relação a ele está bem patente numa carta dirigida a Oskar Pollak, amigo de infância. Franz perguntava ao tio se «não me podia ajudar nestas coisas, guiar-me de maneira a que *pudesse dedicar-me, finalmente, a uma obra nova*». Franz sempre considerou a sua profissão de jurista como provisória, sonhando por isso com outra atividade. As suas relações com o tio, a quem ele, com certeza, apenas muito vagamente confiava os seus desejos juvenis, não eram falhas de afabilidade, apesar da indiferença que marcava as relações de parentesco. Outro irmão da mãe (Rudolf) fazia vida de excêntrico solitário, apesar de ter um emprego insignificante como contabilista na cervejaria de Košřře. Acabou por converter-se, convictamente, ao catolicismo. O irmão mais novo (Siegfried) era médico de província em Triesch. Também solteiro, mudou mais tarde para Praga, onde passou a morar na casa da família Kafka. Representou um papel ativo no final da vida de Franz, quando lhe prestou a assistência médica.
